

Após tantos anos de sumiço, uma desconhecida de infância parece enfim ter feito as pazes com minha memória. Sim. Acabo de ser surpreendido neste exato momento por sua visita desconcertante.

Quem diria.

Ela: a mata. Aquela.

Noturna, clandestina, à margem de um animado jardim em festa.

Isso mesmo. Uma mata à espreita, ao fim de um belo gramado, invadido como de costume naquelas ocasiões por um verdadeiro ciclone mirim, rodopiando em transe entre mesas e bandejas indefesas. Refugiada, fronteira, a um continente de distância daquela alegria furiosa para a qual sequer fora convidada, lá atrás, bem quieta ela reinava. O fundo da noite era só dela.

Mesmo ali, de castigo, refém de todo aquele desespero sonoro, pude ouvir seu silêncio. Sólido. Absoluto. Guardião supremo de segredos e mistérios. Foi o bastante. De repente, fisgado, eu tinha o compromisso de comparecer a um encontro. Iniciei minha travessia. Alerta, o medo partiu comigo.

Sem perceber, passo a passo, acabei vencendo a beleza do gramado. Ela me aguardava imóvel. Possuía a rara virtude da paciência! Guiado por suas fiéis damas-da-noite, segui adiante. O medo ficou por ali, sonolento. Quando finalmente cheguei a sua porta, perdi meu derradeiro parceiro de jornada. Meio sem graça, o tempo parou.

Era apenas eu. E ela. Estávamos a sós.

Suavemente, ela suspendeu o silêncio. Não conseguia vê-la no escuro, é verdade. Mas isso não importava. Havia cumplicidade entre mim e aquela estranha. Eu entendia seu perfume. Sua música.

E, então, antes que eu pudesse reagir, ciumenta, vindo não sei de onde, a festa me arrastou às pressas de volta à segurança de seu jardim iluminado.

Tarde demais.

Aqui estamos. Novamente a sós.

Eu e ela.

Raphael Bianco